

# Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de:

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros, 24500 réis; Semestre ou 26 numeros, 12250 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 19 DE MARÇO DE 1882 — N.º 4 —

GERENTES-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

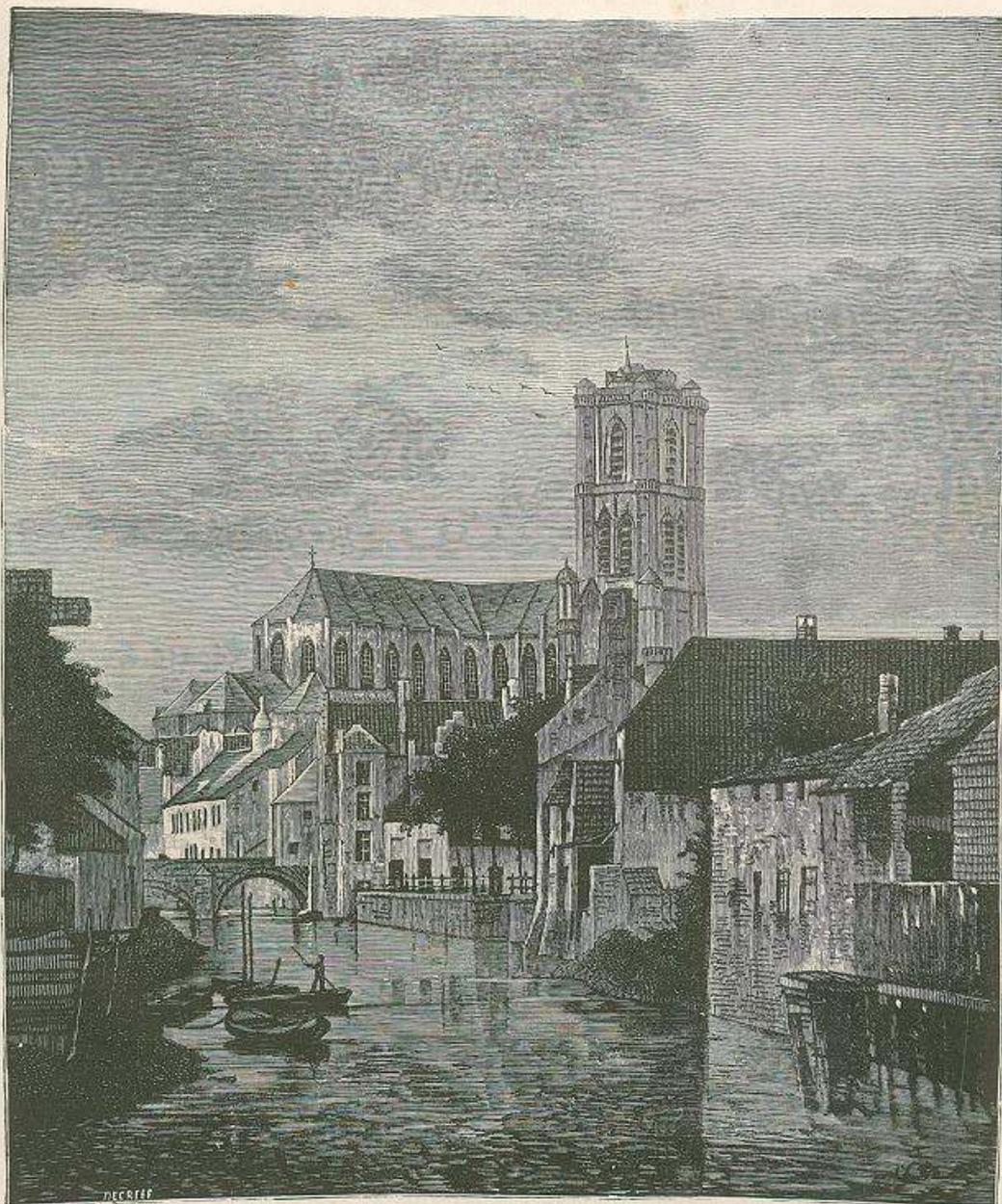
BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 75000 réis; semestre ou 26 numeros 45000 rs.; trimestre ou 13 numeros 25000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ouvidor.

SUMMARIO

GRAVURAS:—A pescaria em Gand; As inundações na Hollanda; Molière tomando apontamentos em casa de um alfaiate da moda; O caixão.  
TEXTO:—Actualidades, por Tekel; As nossas gravuras, por P. C.; Scenas da vida americana, por A. Brehat; O Domingo historico, por A. O. Rosicler, por Luiz Osorio; Horas d'ocio. Leitura sobre a antiguidade e arte classicas, por Augusto Fuschini.



A PESCARIA EM GAND

## ACTUALIDADES

Começemos pela exposição de camelias. Quando as vimos, coitadas! — estavam já bem murchas essas *coquettes*! Saudades talvez da arvore a que foram arrancal-as. Passa por grande barbaridade tirar as avesinhas do ninho, — pobres aves para aqui, pobres aves para ali, rouba-las aos carinhos da mãe, aos cuidados do pae... As flores, então, ninguem as lamenta. Estas camelias, por exemplo. Lembrou-se alguém porventura de que mão impia as fôra cortar á arvore que lhes era a um tempo mãe, pae, morada e ninho, para as metter n'aquelles copinhos de decilitro, como se ellas fossem ahi um reles carrascão de tostão a canada? Isso sim. Nem palavra. Dir-se-hia que as infelizes camelias estavam ali muito por sua vontade, — por o terem pedido, — como se diz nos documentos officiaes a proposito da reciproca transferencia de dois empregados.

E não pediram, não; foram para ali, não diremos á viva força, foram a pau e corda.

Ora, evidentemente, ninguem pede para ir... a pau e corda!

A pau e corda! Pobres camelias! — é muito humilhante!

Tambem, para se vingarem, começaram logo a murchar. Fizeram ellas muito bem. A pau e corda! — não é maneira de tratar com senhoras!

Quanto á exposição, camelias á parte, estava d'uma pobreza ultra-franciscana, archi-franciscana, per-franciscana!

Passa a camelia por ser flôr excessivamente vaidosa; os que em seus cantares celebram a humilde violeta, não a têm poupado, chamam-lhe soberba, dizem-lhe que só nos bailes, ornando o *collo attivo das duquezas* se julga feliz. Até tem ido ao extremo de a accusar por não ter perfume, disparate de calibre apenas comparavel ao de insultar um homem por não ter dinheiro. Porque é bem que isto fique assente para todo o sempre: — a camelia tem tanta culpa de não ter perfume, como eu e o leitor de não possuir um milhão.

Se o leitor possui o milhão accete os meus parabens e as minhas desculpas por o ter considerado um pelintra.

Ora, se de facto as camelias são tão vaidosas como por ahi corre, francamente deviam ficar humilhadas ao ultimo ponto ao verem-se n'aquella exposição.

Aquelles caixotes pintados de verde, aquelles copos de decilitro não podem de forma alguma comparar-se ao *collo attivo das duquezas*...

Foi por isso, talvez, que ellas tiveram tanta presa... em murchar.

A rua do Bemfornoso, uma rua pouco fallada, tem agora figurado muito nas chronicas dos jornaes.

Como o leitor sabe commetteu-se n'essa rua um crime repugnantissimo, um assassinio da mais revoltante cobardia, tendo por movel o roubo. É tudo quanto ha de mais ignobil.

Segundo se diz, o assassino era protegido pela victima, a quem devia grandes beneficios. Se assim é, razão tinha o philosopho ao dizer que muitas vezes se envergonhava de ser homem.

O criminoso foi preso por um guarda nocturno. A policia, naturalmente, está muito pezarosa. Uma vez que não foi ella quem prendeu o malandro, melhor era, para credito d'essa instituição, que ninguem lhe tivesse deitado a unha.

Decididamente os guardas nocturnos estão tendo

um procedimento escandaloso, mettem-se em tudo, — até prendem os assassinos! É necessario acabar com elles. Com os guardas, bem entendido. Este estado de coisas não pôde continuar. Os senhores assassinos não podem estar á mercê do primeiro guarda nocturno que se lembre de os seguir e de os interrogar. Elles não são policiaes: e, verdade, verdade, deve ser muito humilhante para um facinora que se preza, vêr-se catrafilado por um jagodes qualquer que uza uma lanterna na barriga.

Portanto, para que os senhores ladrões, e os senhores assassinos não mais estejam expostos a estes e semelhantes vexames — elimine-se de vez e para todo o sempre, — a instituição dos guardas nocturnos.

Que a policia, afinal de contas, tambem podia ser eliminada...

Mas — quem nos diz a nós, que ella existe, quem nos diz que não é um delirio da imaginação isto de vermos ahi pelos theatros e pelas praças publicas uns sujeitos de bonet á banda, e sabre ao lado?

Policia! Mas é coisa que nós não temos! Fiquem certos d'isto. E tudo delirio da imaginação.

A primavera trouxe-nos este anno com as andorinhas mais um formoso volume de Marcellino Mesquita — *Meridionaes*.

Marcellino Mesquita é realmente um poeta. Sente, e faz sentir. Nos seus versos ha mais do que metro e rimas, — ha sentimento, a gram e alma da poesia.

A forma nem sempre é cuidada; aqui e ali encontram-se versos excessivamente desleivados. D'esses senões, porém, se emendará o poeta em futuras composições.

Nós, saudando o primeiro volume de versos de Marcellino Mesquita, não podiamos deixar de lhe fazer estes leves reparos que a sua muita amizade nos desculpará.

TEKEL.

## AS NOSSAS GRAVURAS

## A Pescaria em Gand

Gand, a vasta cidade belga, onde Carlos V dizia que podia metter Paris, Gand, a capital de Flandres, a cidade das fabricas e das officinas, o coração e a alma das antigas communas flamengas, tem uns recantos deliciosos que fazem sonhar e que enchem a alma de doce e scismadora poesia.

O passeio delicioso da Pescaria é para esta cidade antiga o que o Canal Grande é para Veneza. Chama-se-lhe a Pescaria por uma razão muito simples, porque allí se pesca, e os flamengos, a um tempo prosaicos e scismadores, são ferventes adeptos d'essa innocente distracção do philosopho e do *flaneur*.

Ao fundo do horizonte que fecha esta alameda pacifica vê-se a torre de S. Bavon, da cathedral magnifica concluida no reinado de Carlos V.

Por cima da torre de S. Bavon tal como hoje existe, levantava-se outr'ora uma flecha de madeira terminada por uma immensa cruz de ferro. Foi n'essa igreja que o grande Carlos V foi baptisado. Foi elle que lhe deu uma collegiada de conegos. Só veiu a ser cathedral durante o reinado de Philippe II, quando se estabeleceu o novo bispado, e figura hoje entre os mais notaveis monumentos de architectura gothica, tão numerosos em Flandres.

## As Inundações na Hollanda

Na Hollanda, pelas condições especiaes da sua existencia, uma inundação é um facto por tal forma simples e natural que já ninguem se inquieta, quando um bello dia a agua vem bater nas paredes da sua casa. A Hollanda é um paiz que vive de molho. Quando cresce mais a agua, a Hollanda levanta a estacaria, os homens saltam para cima de umas andas, e continúa cada qual no seu giro, e no seu negocio, sem se importar com a sua terrivel visinha, a agua, que houve por bem bater á outra porta do patamar, em vez de se recolher tranquillamente para a sua habitação.

A nossa gravura representa uma scena de Bois-le-Duc. Romperam-se os diques e a agua entrou pela cidade. Não houve alarme, não houve susto, não houve inquietação; os commissarios especiaes trataram de providenciar para que se procedesse ao concerto dos diques, e logo treparam uns passeiantes para cima de umas andas, outros enfiaram as pernas n'umas enormes botas de agua, aquelle metteu-se n'uma dorna, este arranjou um bote com um gavelão, uma gorda hollandeza, com o chapu de chuva tradicional, navega em palanquim. Se algum novato cãe das andas abaixo, grande galhofa entre os circumstantes. Assim continúa a vida habitual, não pararam os negocios, até que os diques se concertam, e a agua se vae embora, Bois-le-Duc pôe-se a secar, atiram-se para um canto as botas, para outro canto as andas, e espera-se tranquillamente uma nova inundação.

Molière tomando apontamentos em casa de um alfayate da moda

Conta-se que Molière costumava ir para casa de um alfayate da cõrte estudar os typos que allí se apinhavam, e que foram depois os modelos que lhe serviram para as suas admiraveis comedias. Dumas, n'uma das mais chistosas paginas do *Visconde de Bragelonne*, aproveita esta conhecida anedocta, e conta a seu modo como foi que o grande escriptor encontrou o typo immortal do seu *Barquez gentil-homen*.

Lembram-se de Porthos, aquelle admiravel e bondoso Porthos, tão inchado com a sua nobreza, tão ingenuo, tão credulo, e tão sublime na sua simplicidade? O fino d'Artagnan levou-o ao famoso alfayate, e entregou-o a Molière. O honrado Porthos, barão de Vallon de Pierrefonds, queria que lhe tomassem medida, mas não queria que as mãos plebéas dos villões lhe tocassem. Informado d'essa pretensão, Molière tão completamente o satisfez que Porthos radiante contava da seguinte forma a aventura ao seu amigo d'Artagnan. Cedamos a palavra a Dumas:

«—Ora vamos lá, meu caro Porthos, conte-me o processo de que se serviu Molière.

— Molière? É o nome d'elle? Hei de ver se me não esquece.

— Molière ou Poquelin.

— Antes lhe quero chamar Molière. Lembro-me de *volière*, (viveiro de passaros), e, como tenho um em Pierrefonds...

— Perfeitamente. Mas vamos lá a ver o methodo.

— É facilissimo. Em vez de me fazer dobrar os rins e as articulações, como fazem esses patifes d'esses alfayates, sem se lembrarem de que tudo isso são actos deshonorosos e vis...

D'Artagnan approvou com a cabeça:

— Um cavalheiro como o senhor barão, disse-me Molière, deve tomar medida a si proprio. Faça favor de se chegar para este espelho. Cheguei-me ao

espelho, mas devo confessar que não percebi muito bem as intenções do sr. Vollière.

— Molière.

— Molière, exacto. Mas, sempre com medo de que me tocassem, fui-lhe dizendo: «Olhe que eu tenho muitas cocegas.» Elle porém, com a sua voz suave (deve-se confessar que é um rapaz muito urbano): Para que lhe fique bom o fato, deve ficar á sua imagem e semelhança. Vamos pois tomar medida á imagem.

D'Artagnan desatou a rir.

— Então, esse digno senhor Vollière...

— Molière!

— Molière, tens razão. Verás que nunca mais me engano. Esse digno senhor Molière começou a traçar umas linhas brancas no espelho, seguindo-me sempre o contorno dos braços, dos hombros, e repetindo esta admiravel maxima: Deve-se estar á vontade com o fato que se veste.

— Excellente maxima, observou d'Artagnan, que nem sempre se pratica.

— Sim! mas se tu ouvisses como elle a explica!

— Ah! elle explicou-a! Vamos a ver a explicação.

— Póde succeder, observava aquelle esperto moço, em circumstancias difficeis ou em situações incommodas, ter a gente o fato no corpo e não o querer despir.

— Isso é exacto.

— Por exemplo, continuou o sr. Vollière...

— Molière.

— Molière, sim. Por exemplo quer desembainhar a espada e tem o fato vestido. O que faz?

«— O que faço? Essa é melhor! Desembainho-a.

«— Pois não desembainha tal!

«— Como assim?

«— O que eu digo é que o fato deve ser tão bem feito que o sr. barão possa desembainhar a espada sem se incommodar.

«— Ah! Ah!

«— Ora ponha-se lá em guarda. Cai em guarda com tal energia que o sobrado estremeceu e que se partiram dois vidros da janella. Deixe! deixe! disse-me elle, e não se tire d'essa posição. Levantei o braço esquerdo, curvei o braço direito com elegancia, garantindo com o pulso o peito, e com o cotovello a cintura.

— Verdadeira posição academica, observou d'Artagnan.

— Isso é que é! Entretanto Vollière.

— Irra! que já é muito engano! Molière!

— Decididamente não me ageito com o dialo da tal palavra. Mas não me disseste que elle tinha outro nome?

— Chama-se Poquelin, respondeu d'Artagnan.

— Pois chamo-lhe Poquelin, e já me não engano tanto.

— Porquê?

— Porque me lembro da sr.<sup>a</sup> Coquenard!

— Homem! essa approximação é extraordinaria! tornou d'Artagnan dando uma gargalhada.

— Então? Mudo *Coc* em *Poc*, *nard* em *lin*, e em vez de Coquenard, digo Poquelin.

— É maravilhoso! exclamou d'Artagnan. Continua, meu amigo, continua que te oiço com admiração.

Porthos proseguiu muito satisfeito:

— E vae Coquelin desenhando-me o braço no espelho.

— Perdão, observou o mosqueteiro, elle chama-se Poquelin.

— Então o que foi que eu disse?

— Disseste Coquelin.

— Ah! tens razão. O Poquelin desenhando-me o braço no espelho, mas levou muito tempo; não fazia senão olhar para mim. É verdade que eu estava uma bella figura.

«— A posição fatiga-o? perguntou elle.

«— Um pouco, mas posso estar assim coisa de uma hora.

«— Não! não! Tenho aqui moços que lhe podem amparar os braços, como antigamente se fazia aos prophetas, quando invocavam o Senhor!

«— Muito bem!

— Não acha isso humilhante?

«— Meu amigo, respondi eu, ha uma grande differença entre ser amparado a ser medido.

— Distincção justissima! observou d'Artagnan.

— Vieram então dois rapazes, continuou Porthos, um susteve-me o braço esquerdo, o outro segurou-me com muita graça no braço direito.

«— Mais outro! gritou Coquelin.

— Poquelin.

— Pois é isso. Veiu outro rapaz.

«— Ampara aqui os rins d'este senhor. O rapaz amparou-me os rins, e entretanto o bom do Poquenard desenhando-me no espelho.

— Poquelin, meu amigo.

— Sim, Poquelin. Mas decididamente antes lhe quero chamar Vollière.

— Pois chama-lhe tu lá como quizeres, e acabe-mos com isto.

— Declaro-te que achei excellente o processo, continuou Porthos. É respeitoso e não vexa uma pessoa.

— E terminou essa operação?...

— Sem que ninguem me tocasse, meu caro amigo.

— E os tres rapazes?

— Parece-me que já te expliquei a differença entre amparar e medir.

— É verdade, respondeu d'Artagnan, e continuou de si para si: Ou muito me engano, ou dei um regalorio áquelle maganão do Molière, que mais tarde ou mais cedo vem a pôr a scena em alguma comedia.

Porthos sorria-se.

— De que te ris? perguntou d'Artagnan.

— Queres que te diga? Parece-me que sou o primeiro a quem tomam a medida por este methodo.

— Sim?

— Parece-me que sim; pelo menos o Balère trocava com os rapazes que me amparavam uns signaes de intelligencia que m'o deram a entender.

— É muito possível. Aquelle Molière é levado da bréca.

— Balière, meu amigo, emendou benevoilamente Porthos.

— Não, isso agora alto lá. Chama-lhe tu Balière á tua vontade, mas deixa-me chamar-lhe Molière. Pois esse Molière é fino como um coral, e é muito possível que lhe tivesses inspirado uma bella idea.

— Que ainda lhe póde vir a servir para o futuro.

— Ah! isso com toda a certeza, isso é (que não tem a minima duvida. Pódes ficar descaçado, porque de todos os alhayates conhecidos é Molière quem tomou melhor a medida aos nossos barões, aos nossos condes, e aos nossos marquezes.»

A scena é encantadora, como vêem; não to é menos a nossa gravura, que apresenta comtudo uma scena diversa. Dumas apresenta-o, alegre, folgazão, disfructando os typos que copia; o author da nossa estampa mostra-o sério, observador tranquillo, tomando os seus apontamentos. O Molière da gravura é o Molière do *Misanthropo*, do *Tartufo* e do

*Avarento*, o de Dumas é o Molière das *Fourberies de Scapin*, da *Bourgeois gentilhomme* e do *Médecin malgré lui*, aquelle o Molière da alta e profunda comedia, este o Molière da alegre e desprerenciosa farça.

O Caixão

A scena lugubre que a nossa estampa representa é uma das obras mais celebres de Wiertz, o grande pintor belga, fallecido ha annos. A scena é dilacerante. Passa-se n'um triste momento, mais pungente ainda do que o da morte, em que sae de casa o caixão, levando para sempre, para sempre aquelle que tanto se amou, quando a separação eterna, que ainda não era bem comprehensivel, em quanto o cadaver dormia no leito, seu pacifico somno, se torna emfim bem palpavel e bem definitiva. Então recresce a angustia por um instante adormeci-la, então afferram-se ás taboas fataes as mãos encrespadas dos que ficam na terra... Não! a nossa palavra não póde lutar com a magia prodigiosa do lapis do desenhador. Wiertz fez n'este quadro uma verdadeira, pungente e admiravel obra prima.

P. C.

SCENAS DA VIDA AMERICANA

CARMEN E JUANITO

POR

ALFREDO DE BREHAT

Versão portugueza

DE

JULIO DE MAGALHÃES

(Conclusão)

«Depois a minha primeira ideia foi pouparmos a vida das duas mulheres, não obstante constituir esse facto a nossa perda certa e inevitavel. A verdade é que me repugnava matar duas pobres mulheres, embora herejes. Infelizmente, porém, a mais nova das duas lançou mão do revolver do americano, e desfechou-o sobre Carlo Barista, que feriu levemente em um hombro. Carlo, enfurecido, lançou-se sobre ella e matou-a. Depois d'isto era forçoso desembaraçarmos-nos tambem da mãe, a qual soltava gritos estridulos, que podiam ser ouvidos a uma legoa de distancia. Foi tambem Carlo Barista quem tomou sobre si esse encargo...

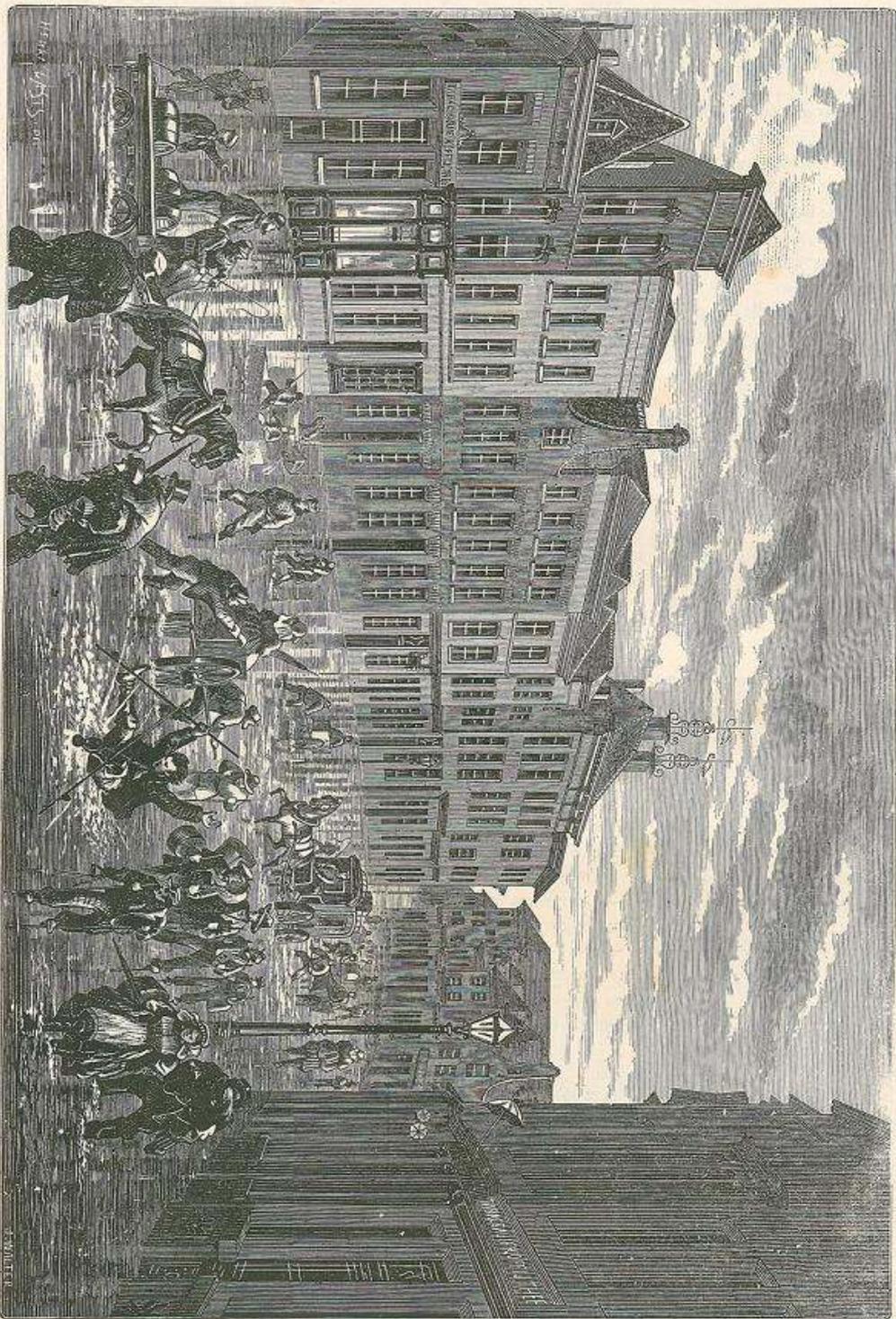
«Quando chegámos ao fim d'aquella terrivel tarefa, Carlo Barista e eu olhámos um para o outro. Eu estava como louco; affigurava-se-me que tinha cheios de sangue os olhos. Carlo continuava a ter nos labios o seu sorriso sinistro. Reciosos de que passasse perto de nós uma qualquer embarcação, dirigimos-nos rapidamente para terra, e tratámos de desembarcar. Carlo Barista, que nem por um momento perdera ainda o seu habitual sangue-frio, disse-me que o ajudasse a transportar os cadaveres para aqui, onde os enterrariamos. Quando senti sobre o hombro a cabeça da mais nova das duas mulheres, quando as suas faces geladas tocaram nas minhas faces, ao passo que ao longo das minhas costas pendiam os seus compridos e abundantes cabellos, agitou-me o corpo um tremor violento. Carlo Barista, continuando a sorrir, fallava nos despojos, que tínhamos para repartir, e nem mesmo esperou que os cadaveres se achassem completamente sepultados, sem que voltasse a bordo a buscar as malas dos passageiros. Repartimos logo ali os objectos mais valiosos, que n'ellas encontrámos, e atirámos em seguida com os restos das malas para a parte mais densa e escura do arvoredo.

«Por fim, depois de bebermos todo o *rhum*, que o americano levava no frasco, recomecemos a cavar a

terra, no intuito de abriremos uma grande cova, onde lançássemos os quatro cadáveres. Quando estávamos tratando de levar a cabo esta tarefa, ouvimos o ruído dos remos de um barco, que vinha também arribar ao recife del Venado. Redobrámos pois de ardor. Creio também que o *rhum*, bebida a que não estávamos habituados, nos havia perturbado um pouco a cabeça. Além d'isto a escuridão era profun-

que fazia parte das bagagens dos passageiros. No dia immediato, ao amanhecer, levantámos ferro. Carlo Barista, que sabia bem quão profundo era o amor que eu tinha por Carmen, aproveitou-se d'esta circumstancia para chamar a si a parte mais valiosa dos despojos das victimas, e foi assim que conseguiu fazer-se dono do pangaio, prometendo que me auxiliaria em tudo e por tudo junto de Carmen. Ella,

dizer algumas missas por alma de Juanito. Carlo não queria contribuir de modo algum para ellas, e zombava da minha *beatice*, como elle dizia. Os seus gracejos de mau gosto revoltaram-me. Chamei-lhe *impio*, e disse-lhe que, quer elle quizesse quer não, havia de obrigar-o a contribuir para as missas. Das injurias passámos ás ameaças, e Carlo, ao mesmo tempo que fallava, puxou furtivamente pelo *mache-*



AS INUNDAÇÕES NA HOLLANDA

da. Todas estas circumstancias deram causa a que a cova não fosse tão profunda quanto era necessario, ficando fóra da terra o braço de uma das mulheres.

«Passámos aqui a noite escondidos entre as arvores, jogando o monte á luz de uma vela, e bebendo aguardente, que tínhamos encontrado em uma caixa,

que está presente, pôde dizer de que modo foi ajustado o nosso casamento. . .

«Com relação a Carlo Barista, a verdade é que servíamos de embaraço um ao outro. Nenhum de nós podia dormir tranquillo. Um dia, depois de bebermos uma não pequena doze de aguardente de Mercal, travámos-nos de rasões. Eu queria que mandássemos

te, lançando-se em seguida de surpresa sobre mim. Eu porém conhecia perfeitamente a indole traiçoeira do homem, e estava de sobre-aviso. Consegui pois livrar-me do primeiro ataque, e ao cabo de poucos momentos de luta, matei-o com um só golpe. Precisamente no momento, em que o corpo cahia por terra, pareceu-me ouvir passos entre as arvores, e

fugi precipitadamente. Quando mais tarde voltei ao ponto, onde o facto se dera, encontrei Carlo Barista já sem vida. Carreguei o cadaver sobre os hombros, e fui lançá-lo no rio Chagres.

«Eis toda a verdade, *senor alcade*. Agora deixem-me socegado. Façam-me as perguntas que quiserem; a nenhuma responderei.»

O *alcade* e o delegado do consul americano fize-

portanto renunciar á continuação do interrogatorio.

Seguidamente foi aberta uma nova cova muito mais profunda para os cadaveres, os quaes foram sepultados de maneira a não poderem ser presa dos abutres e das feras.

Logo que foi concluido o enterramento das victimas, Dionysio Palmano foi conduzido para a bar-

dedicaram toda a attenção e actividade. Dionysio Palmano foi condemnado a morrer na fôrca.

Na vespera do dia fixado para a execução do assassino, Carmen solicitou permissão para ir visitá-lo na prisão. Com quanto não devesse receiar-se, que favorecesse a evasão do prisioneiro, que ella propria denunciára, foi ainda assim acompanhada por dois soldados.



MOLIÈRE TOMANDO APONTAMENTOS EM CASA DE UM ALFAYATE DA MODA

ram quanto puderam para obrigarem Dionysio Palmano a prestar mais esclarecimentos, mas não conseguiram arrancar-lhe uma unica palavra. Permaneceu em um silencio obstinado, e nem mesmo quiz responder por meio de gestos. Forçoso foi

eacha, e as duas embarcações vogaram de novo em direcção a Cruces.

Em presença da confissão do barqueiro, o processo não podia ser muito demorado, tanto mais que: o consul americano do Panamá e o seu delegado lhe

— *Caballeros*, disse Carmen aos seus dois guardas, logo que chegaram á porta da cellula, em que Dionysio se achava encerrado: tenho necessidade de conversar em coisas intimas com meu marido; preciso pois ficar a sós com elle durante alguns minu-

tos. Offereço-lhes estas quatro piastras, duas para cada um...

— Temos receio, *senora*, respondeu um d'elles, não deixando todavia de embolsar as piastras. Se apparecesse aqui o cabo, e não nos visse, seríamos severamente punidos.

— Fiquem no corredor, e espereitem pelo postigo da porta, tornou Carmen. Quando sintam passos, abram rapidamente a porta, e entrem... Entretenham-se no entretanto com esta garrafa de *refino* da Catalunha. Levem mais estas duas piastras, e apostem-n'as ao jogo.

Ainda que ahí se achasse o cabo, os soldados não teriam podido resistir ao triplo atractivo das piastras, do *refino*, e principalmente do *monte*. Afastaram-se pois immediatamente, lançando mil bênçãos sobre a generosa Carmen. Passados dois minutos, toda a sua attenção estava presa nas peripecias do jogo.

Carmen havia dado entrada na cellula, e avançara lentamente para Dionysio, que se achava assentado em um canto. O condemnado levantou a cabeça bruscamente.

— Vens revêr-te na tua obra? lhe perguntou elle com voz sombria, mas sem colera.

Carmen respondeu com um gesto affirmativo.

— Vou morrer enforcado, bem sei; mas embora... A minha morte não poderá restituir-te o teu Juanito!

— Mas ao menos ficarei viuva, e poderei casar com um outro.

E ao mesmo tempo que assim fallava, Carmen tirava o *rebozo*, e assentava-se sobre um escabello de madeira muito perto do condemnado.

No movimento que fez para tirar o véu e alisar com as mãos os cabellos, desprendeuse-lhe da cintura uma *navaja*, sem que Carmen parecesse notar essa circumstancia, e foi cahir junto de Dionysio, que a puxou para si com os pés, e a occultou como ponde. Parecendo que estava dando uma grande attenção ao arranjo dos seus magnificos cabellos, que n'esse dia ornára com flores de cor encarnada muito accessa, Carmen não perdia um unico dos movimentos do marido. Quando viu que elle se apoderava furtivamente da *navaja*, descerraram-se-lhe os labios em um sorriso singular.

Nunca, como n'aquelle dia, se vestira e ataviára com tão cuidadoso apuro. Uma animação estranha lhe fazia brilhar os olhos, que tinha agora fixos em Dionysio com uma expressão indefinível.

— Como é formosa! murmurou o barqueiro.

Pelo movimento dos labios de Dionysio, comprehendeu Carmen de certo o que elle acabava de dizer de si para si, pois que um sorriso de triumpho lhe animou a physionomia. Em seguida começou a conversar com o marido. Quem a ouvisse julgaria com rasão, que ella diligenciava tanto, quanto podia, excitar o amor e o ciúme de Dionysio.

Mais de uma vez o condemnado tentou desviar os olhos, como para fugir á influencia d'aquelle olhar, que o fascinava; havia porém uma força de attracção, mais poderosa do que a sua vontade, que o obrigava a voltar-se de novo para ella.

Carmen aproveitou o primeiro ensejo, que se lhe apresentou, para fallar nos seus novos projectos de casamento, ao mesmo tempo que destolhava entre os dedos uma flor, que lhe cahira dos cabellos.

— Calla-te! pela Santa Virgem te peço que te cales! exclamou Dionysio exasperado. Não tentes o demonio!

Carmen encolheu desdenhosamente os hombros, e continuou a fallar no mesmo assumpto.

— Queres que te mate?! murmurou o prisioneiro

com os dentes cerrados, e injectados de sangue os olhos.

— Isso poderia fazel-o Juanito, mas tu... replicou Carmen. Juanito antes quereria ver-me morta, do que nos braços de um outro homem... É que esse era homem de coração, e sabia amar... Ao passo que tu...

— Carmen! Carmen!...

— Já escolhi o homem, com quem hei de casar, logo que sejas enforcado, continuou ella. O meu futuro marido é semelhante a Juanito na formosura... Ama-me como um louco... e eu sinto que hei de tambem chegar a amal-o... Lastimaremos juntos a morte do infeliz Juanito, e zombaremos de ti...

E, ao mesmo tempo que pronunciava estas palavras, aproximava-se mais ainda de Dionysio, que rangia os dentes exasperado.

— Olha! lhe disse elle apontando para a *navaja*, que segurava debaixo do pé. Vê que posso matarte...

Carmen fez um outro movimento desdenhoso, e fixou de novo em Dionysio os olhos, em que brilhava um fulgor estranho.

O condemnado cobriu os olhos com as mãos algemadas, tentando assim emancipar-se da especie de delirio, que lhe causava aquelle olhar indefinível; entreabrindo porém os dedos, encontrou de novo fixos n'ella os olhos de Carmen,

— Vae-te! deixa-me, demonio! bradou elle. Não quero perder a minha alma com um novo crime!

— Não te irrites, Dionysio, replicou ella com voz sardonica. Quiz apenas que soubesses, como olho para aquelles que amo... Tu não o sabes, porque nunca te amei... Ah! mas o meu futuro marido ha de sabel-o porque hei-de amal-o!... Olharei para elle assim, com as minhas mãos entrelaçadas nas d'elle, com os nossos cabellos confundidos com os meus labios...

Não teve tempo para concluir... Louco de colera e de ciúme, Dionysio Palmano, agarrando na *navaja* com as duas mãos algemadas, feriu em pleno peito a desventurada Carmen, que cahiu sem soltar um grito.

O assassino ficou em pé, immovel, e com o olhar desvairado, como um homem agitado por subita vertigem.

— Deus é misericordioso! murmurou Carmen. Vou juntar-me no outro mundo com o meu querido Juanito. Se me suicidasse, teria perdido a minha alma. D'este modo Deus ha de perdoar-me... Morro ás tuas mãos, Dionysio, ferida pela mesma *navaja*, com que mataste o meu Juanito. É a mesma, não é?

— Sim... murmurou o barqueiro, lançando no chão violentamente a *navaja*.

Ao ruido produzido pela queda de Carmen acudiram logo os soldados, que não estavam longe.

— Um padre! murmurou a pobre Carmen com voz mal distincta.

Um dos soldados correu logo para fóra da cellula para satisfazer o desejo da moribunda.

Dionysio Palmano não fez movimento algum para se evadir, e deixou-se prender a uma argola chumbada na parede, sem oppôr a mais leve resistencia. O padre depressa appareceu, acompanhado pelo *alcaide*, e pelo delegado do consul americano. Os dois ultimos afastaram-se um pouco do grupo, formado pela moribunda e o confessor.

— Hoje mesmo me confessei, e recebi a absolvição, meu padre, disse Carmen com a voz entrecortada. Eu presentia o que havia de acontecer. Confesso que fiz tudo quanto pude para levar Dionysio a matar-me...

No momento em que o padre abria a bôcca para

lhe responder, Carmen desmaiou. Transportaram-n'a logo para o corredor; mas expirou sem ter readquirido os sentidos. A *navaja* tinha-lhe atravessado os pulmões.

Dionysio Palmano foi enforcado no dia immediato. No momento supremo mostrou-se tranquillo e corajoso. Na occasião, em que o carrasco ia passar-lhe em redor do pescoço o terrivel laço, o assassino fez signal de que queria fallar aos espectadores, o que lhe foi permitido.

Elevou então a voz no meio de um silencio profundo, e accusou-se de todos os seus crimes, dos quaes pediu perdão a Deus e aos homens. O desgraçado barqueiro, que pertencia á mais infima classe do povo, e que em geral só a muito custo conseguia exprimir as suas idéas, encontrou, n'aquelle momento solenne, pensamentos e imagens, que um poeta poderia invejar-lhe. Com quanto não houvesse na sua physionomia, ou mesmo no som da sua voz, coisa alguma que pudesse despertar sympathy, e não obstante serem horrorosos os seus crimes, todos os presentes tinham razos de lagrimas os olhos. Principalmente as mulheres perdoavam-lhe de bom grado todos os seus crimes, attendendo a que elle fóra incitado a commetel-os pelo amor e pelo ciúme...

Concluido que foi o discurso, Dionysio abraçou o confessor, e entregou-se nas mãos do carrasco. Passado um momento, o corpo do assassino agitava-se convulsivamente no espaço. Justiça fóra feita!

Os crimes de Dionysio Palmano deram uma triste celebridade ao recife del *Venado*. Sempre que passam em frente d'aquelle logar, os barqueiros descobrem-se e fazem o signal da cruz. A troco de alguns *puros* (charutos), contam detalhadamente a historia que acaba de lêr-se, que em geral terminam com uma curta oração por alma de Juanito, e tambem por as dos seus dois assassinos. Pelos tres americanos, que eram herejes, não perdem tempo em rezas.

FIM

#### O DOMINGO HISTORICO

19 de março de 1373 — Tratado de paz entre D. Fernando I, de Portugal, e D. Henrique, de Castella.

D. Fernando I, que subiu ao throno em 1367, em vez de seguir a politica de seu pae que buscou sempre conservar-se estranho ás luctas que dilaceravam a peninsula, levado do seu genio ambicioso deixou-se seduzir pelas enganadoras promessas de alguns fidalgos castelhanos, que se pretendia pelas armas fazer valer os direitos que tinha á corôa castelhana, por sua mãe D. Constança.

Essa primeira guerra, em que o novo monarcha deu logo provas dos seus nenhuns dotes guerreiros, refugiando-se em Coimbra, ao passo que os inimigos devastavam as provincias do Minho e de Traz-os-Montes, terminou pela paz d'Alcoutim, mas d'ahi a pouco D. Fernando, accommettido de um novo accesso de ambição, alliou-se com o duque de Lancaster, que tambem era pretendente á corôa de Castella.

D. Henrique, apenas soube dos planos do soberano portuguez, rompeu a guerra com energia, entrou pela nossa provincia da Beira, e chegou até Coimbra, emquanto D. Fernando, acolhendo-se a Santarem, dava ordens e contra ordens que inutilisavam qualquer resistencia, que se pretendesse fazer aos invasores.

De Coimbra proseguiu o rei castelhana para Santarem, e, vendo que ninguem lhe tomava o passo, veio pôr cerco a Lisboa, sem que o rei de Portugal

se decidisse a sair dos muros da terra onde se acobria, e diante da qual via passar as hostes inimigas.

Os habitantes de Lisboa, abandonados pelo monarcha, combateram intrepidamente, até que o legado do papa, Guido de Montfort, congraçou os dois soberanos, assignando-se a paz no castello de Santarem, a 19 de março de 1373.

As condições foram, como se pôde suppôr, vergonhosas para Portugal. D. Fernando mais uma vez renegou as alianças antecedentes, jurou ser aliado dos reis de Castella e de França contra o rei d'Inglaterra, e especialmente contra o duque de Lancaster, compromettendo-se a auxiliar com duas galés armadas o rei D. Henrique, sempre que este enviasse contra os inglezes esquadra de mais de seis galés; obrigou-se a expulsar do reino vinte e oito fidalgos castelhanos que n'elle estavam refugiados, e que D. Henrique designára nominalmente, ao mesmo tempo que perdoava a seu irmão o infante D. Diniz, a Diogo Lopes Pacheco e a todos os portuguezes que haviam seguido o partido do rei de Castella.

Como testemunho solenne de reconciliação convencionou-se uma entrevista entre os dois soberanos, e a pouca distancia de Santarem, em dois barcos devidamente enfeitados, se encontraram D. Henrique de Castella e D. Fernando de Portugal, assistindo á conferencia, n'um terceiro barco, o legado Guido de Montfort. Os dois monarchas tratavam-se com inexcusável amabilidade e cortezia, e o nosso rei, quando desembarcou, disse «Quanto eu henricado venho», para exprimir quanto vinha captivado pelas maneiras do soberano de Castella.

A. O.

ROSICLER

JESUS TE VALHA !

— Olha lá: filha, já viste  
O fidalguinho d'aldeia?  
Dizem que é uma sereia...  
Tão lindo! e que não existe,  
Por estes sitios, mulher,  
Que não desgoste de o ver...  
Olha lá, tu já o viste? —

— Já sim, meu senhor; ha dias,  
(P'es' que não me lembro quando!)  
Vinha eu da horta, chegando  
Ao sitio das Penedias,  
E vae, e vejo passar  
Junto de mim... a olhar...  
O fidalguinho das Pias!..

Não sei o que elle me disse...  
Boas noites meu senhor! —  
— Boas noites minha flôr!  
Que maneiras!.. Que meiguice!.. —  
— Fiquei a modo apahada...  
A tremer... muito assustada...  
Julga que não?!.. ora, ri-se?!.. —

— Eu rio lá! E depois? —  
— E depois... pediu-me um beijo,  
Mas não lhe fiz o desejo,  
Atraz d'um beijo vem dois,  
Sempre se illudem na conta,  
Que tanto faz... tanto monta...  
E depois... — Depois... Depois!.. —

— Antes d'hontem á tardinha  
Me pediu elle, em segredo,  
Que fosse á *Quelha do Medo*  
Sabbado ahí á noitinha...  
Eu tenho medo de ir lá,  
Mas quem sabe o que será?.. —  
— Sim... quem sabe?... Innocentinha!..

E tua mãe, se te ralha? —  
— Mas não diga, meu senhor... —  
Eu digo lá, meu amor,  
Mas isso logo se espalha...  
Emfim... que Deus te proteja  
Como tua mãe deseja!  
Emfim... que Jesus te valha!

Coimbra

LUIZ OZORIO.

HORAS DE OCIO

Enigma

Ou comeces do principio,  
Ou comeces pelo fim,  
Sempre encontras muitas pennas,  
Sempre duvidas de mim.

MASCARA NEGRA.

Charadas novissimas

Este pão caminha para esta cidade — 1, 2.  
Esta eminencia sombria como esta nação, 2 — 2.

MANOEL ANTONIO COELHO ZULHÃO.

Este homem d'aqui a pouco está mui semelhante.

HAMLET.

Soluções do n.º 1 do segundo anno

Adivinhação — A Ietra N.

Pergunta indiscreta — O primeiro dança, o segundo cança, o terceiro lança (porque entonteece).

Lexicologia — Inconstitucionalissimamente.

Soluções certas

Adivinhação — M. P. O. (Porto), Carmelita, Vasco (Coimbra), Nadége (Coimbra), Monge de Osseira (Pitões de Júnias), Benedicto Barros (Setubal).

Pergunta indiscreta — Nadége (Coimbra), B. C. (Viana do Castello) Teniers (Santarem), Carmelita, Zara.

Lexicologia — M. P. O. (Porto), Caçador de Savana, Pedro José Calhamas.

NOTA — Ainda recebemos atrazadas algumas soluções! Entre outras chegou-nos uma do sr. A. Marques Guedes, de Vizeu, e mais algumas ainda.

Já temos uma solução certa do Problema do Dominó. Enviou-a Botão de Rosa (Evora). Como porém é a unica que temos, ainda n'este numero a não publicamos.

ERRATA — Na primeira das charadas novissimas do ultimo numero, em vez de *Nota*, leia-se *Nota*.

LEITURAS SOBRE A ANTIGUIDADE E A ARTE CLASSICAS

ATHENAS

O SEculo DE PERICLES

I

Versos do poeta comico Lysippo. — Athenas no seculo de Pericles. — Como entendemos a historia da arte. — Do Pireu a Athenas. — Character atheniense. — A democracia em Athenas. — Constituição politica de Söolon, modificada por Clisthenes e Aristides, e remodelada definitivamente por Pericles.

«Quem não deseja ver Athenas, é insensato; quem a vê sem a admirar, é mais insensato ainda; mas

vel-a, admirar-a e abandonar-a é o cumulo da insensatez»; taes são os versos subsistentes de uma comedia perdida, os quaes haverá cêrca de 2:200 annos os Athenienses calorosamente applaudiam no theatro de Baccho. Eis um delicado convite, que o poeta grego nos faz, para tentarmos aquella viagem longinqua, não no pesado navio Phenicio, que das costas iberas, pelo mar interior, e costeando a Lybia ardente, nos levaria ao Pireu; mas atravez de 22 eculos passados e de tantas gerações esquecidas e extinctas!...

Athenas no seculo de Pericles<sup>1</sup> era uma republica, que occupava, principalmente na parte mais oriental da Hellade, o pequeno promontorio attico. A sua superficie um pouco excederia a de uma das nossas maiores provincias, e não se lhe avantajava certamente em população e riqueza. Durante este periodo historico, em que a ascendencia politica de Athenas, a sua *hegemonia*, sobre os estados da Grecia foi real e indiscutivel, não se elevava provavelmente a sua população a mais de 100 mil cidadãos espalhados entre 30 mil estrangeiros domiciliados, e cêrca de 150 mil escravos e transeuntes. A fortuna publica, a massa da riqueza distribuida pelos cidadãos, n'esta epoca florescentissima dos seus annos, não montaria a 6:000 contos, se acreditarmos a opinião de um historiador grave e profundo; fosse, todavia, a riqueza d'Athenas o triplo do computo do historiador inglez, como ella fazia sorrir tres seculos depois a soberba Roma republicana, que já então quasi avassalara o mundo, cujos senadores, um Scauro, um Crasso, um Lucullo, possuam palacios de uma riqueza fabulosa e fortunas tão grandes que a poderiam comprar a ella, a pequenina republica da Grecia!

Pois este pequeno povo teve a gloria, por bem poucos compartilhada, de ser por largo tempo o santuario de uma das mais brilhantes phases da civilização humana que, atravez dos seculos na philosophia e na arte até nós estendeu a benéfica e immortall influencia das suas poderosas creações.

Não escrevemos sobre a philosophia da historia, mas simples e modestamente abrimos uma pagina da historia da arte, alias occasião seria, e asada, para demonstrar a influencia profunda da philosophia e da arte hellenicis, e quem diz hellenicis diz athenienses, sobre a civilização geral; todavia como entendemos que estudar a arte separada do meio, em que se produziu, é tornar-a secca, arida e quasi incomprehensivel; o leitor terá occasião de apreciar a energica vitalidade manifestada por uma das mais bellas raças em todas as revelações da intelligencia humana; vitalidade a que se adequou, em grau ainda depois não attingido em civilização alguma, uma superior intuição do bello, um admiravel senso esthetico, que em tudo se revela, na arte como na philosophia, nas instituições sociaes como nas politicas do povo atheniense.

Entendemos assim a historia da arte. Estudar isoladamente um estylo, um monumento, um producto artistico, sem o relacionar com o meio em que elle se gerou, sem procurar entrever os elementos sociaes e moraes, de que elle constitue em um dado momento historico e sob a influencia especial do mundo physico uma das revelações objectivas e duradouras; estudar assim a arte é, supomos, deixar na obscuridade a sua mais bella face e roubar-lhe o seu mais util ensinamento. Se na palavra o estylo é o

<sup>1</sup> 500 a 400 ant. J. C. — 70º 104º Olympiada.

<sup>2</sup> Gibbon. Decadencia e queda do Imperio Romano. T. 9 — XLVIII.

<sup>1</sup> abreviatura de — parece — muito usada pela nossa gente do campo.

homem, na arte o estylo é o povo; eis o que é preciso ressuscitar, evocando do abysmo do passado as ideias que o animaram, vivendo intimamente com elle a fim de que o pensamento traduzido na sua obra possa ser comprehendido na sua concepção e na sua inspirada belleza.

Seguindo estes principios vamos fallar do estylo classico, vamos mesmo descrever os seus melhores productos, os da melhor epocha, porque Athenas, a Greciada Grecia, como ella orgulhosamente se alcinhava a si propria, identificou-o consigo por tal forma que o tornou inimitavel. O mundo romano gastou seculos em imitações pacientes, conseguiu

rigidos pelo interesse tinham pouco a pouco invadido o velho Latium; á Grecia pobre e desnudada ficára-lhe apenas, o que os cupidos vencedores e os vorazes colleccionadores não tinham podido transportar, o que a acção do tempo e das catastrophes fôra pouco a pouco escondendo no seio da terra e do esquecimento; a belleza, porem, a graça, a inspiração, o ideal da arte, enfim, esse não o imitou nem o levou a poderosa conquistadora, ficára para sempre enraizado no solo da pequenina republica, na sagrada cumiada do Acropole d'Athenas.

Não sejamos nós, pois, como aquelle insensato de que falla o poeta, e partamos para Athenas, não a

de por duas extensas muralhas quasi parallelas, depois chamadas *os longos muros*.

(Continua).

AUGUSTO FUSCHINI.

## EXPEDIENTE

Em harmonia com as condições publicadas no nosso prospecto, rogamos aos srs. correspondentes a fineza de indicarem immediatamente a esta administração o numero de exem-



O CAIXÃO

dar-lhe a sumptuosidade e grandeza, e quando a *ideia nova* do christianismo dominou o paganismo soube até derivar do classico um novo estylo — o latino. Durante tres seculos de conquista, primeiro, os orgulhosos patricios romanos saquearam o riquissimo solo da Grecia; depois a seu turno os imperadores roubaram os patricios, continuando o saque. Nas sete collinas de Roma as sumptuosas habitagões patricias e os enormes palacios imperiaes, verdadeiros muscus embellezaram-se e enriqueceram-se com os melhores productos da arte hellenica; as lindas *villas* de Surrentum e de Tusculum regorgitavam de marmores, de bronzes e de pinturas dos mais sublimes artistas gregos, o que em verdade attestava mais a faustosa vaidade dos seus possuidores, do que o seu intelligente gosto artistico. A philosophia, a litteratura, os costumes e o espirito, os proprios philosophos e os artistas da Grecia fascinados, pela grandeza, de-

moderna e pobre capital de um reinoso constitucional, mas para a antiga e bella cidade da republica actica. Do porto Pireu, emporio d'Athenas, ao recinto da cidade media curta distancia e a estrada é boa. Themistocles, o fomentador do poderio e da riqueza atheniense, o vencedor dos persas em Salamina, tão grande general como profundo politico, comprehendera toda a importancia d'aquelle pequeno porto. No duello d'ambição e de raça travado entre as duas republicas, a jonica Athenas e a dorica Esparta, viu o grande politico a victoria da sua patria no seu poder naval; os pesados e numerosos *hoplitos* espartanos só podiam ser vencidos pelos *trirèmes* athenienses; o oraculo o disséra, e os factos o comprovaram.

Themistocles para esse fim ligára o porto Pireu, pequeno estuario onde em segurança fluctuariam os *trirèmes* athenienses, com o recinto da cida-

plares da gravura a preço reduzido que lhes deve ser expedido.

Aos nossos assignantes na provincia pedimos o favor de renovarem as suas assignaturas.

Não se acceitam pagamentos feitos com estampilhas do antigo padrão.

Continua aberta até 23 do corrente a subscrição em favor do Gaspar da viola, duente no hospital de S. José.

Transporte	53750
De um mysantropo.....	200
Anonymo.....	18200
Somma.....	75150